

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: TRABALHANDO QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE COM ADOLESCENTES EM ESCOLAS PÚBLICAS

Rayssa de Cássia Almeida Remídio¹

Kelly da Silva²

Cléverson Rodrigues Meireles³

RESUMO: Abordou-se no projeto a discussão sobre sexualidade com os alunos e questões relacionadas a gênero, para levantar debates, desestruturar resistências e esclarecer dúvidas. As discussões foram significativas, instigando novas possibilidades. Os alunos conheceram um pouco mais sobre o que tanto lhes geram indagações, havendo melhoria nas relações e uma maior facilidade em se discutir o tema nas escolas. Refletimos sobre diferentes formas de se compreender o currículo e sua possibilidade de valorizar as diferenças. É importante que profissionais da educação colaborem para uma escolarização que fundamente a valorização da diversidade, em busca de uma prática social que inclua os sujeitos históricos com igualdade de oportunidades, abordando de forma mais abrangente gênero e sexualidade.

Palavras- chave: corpos, diversidade, educação, gênero, sexualidade.

INTRODUÇÃO

Podemos compreender como a sexualidade e gênero estão implicados no cotidiano da vida social, fazendo-se presentes em todos os ambientes, inclusive nas salas de aula e em seus currículos. Sexualidade, aqui, é entendida como a relação entre sujeitos que lidam com intimidade, afeto, emoções, sentimentos e bem-estar decorrentes, inclusive, da história de vida de cada pessoa (LOURO, 1999). Essas normas fazem com que os indivíduos se reconheçam (ou não) como sujeitos de uma sexualidade, o que abre caminho para conhecimentos diversos e se articula num sistema de normas e repressões.

Com o objetivo de orientar as escolas na revisão e na elaboração de suas propostas curriculares, o Ministério da Educação e Cultura – MEC elaborou, em 1998, os Parâmetros

¹ Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Ubá, Minas Gerais, Brasil - rayssa.remidio@uemguba.edu.br

² Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Ubá, Minas Gerais, Brasil - kelly.silva@uemg.br

³ Graduando em Ciências Biológicas na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Ubá, Minas Gerais, Brasil - cleverssonmeireles1@hotmail.com

Curriculares Nacionais (PCNs)⁴. Esse documento traz um olhar complexo sobre a sexualidade, considerando- a em suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural, além de fazer uma análise sobre sua implicação política.

Pensar a sexualidade como um saber que perpassa diferentes campos de conhecimento propõe um rompimento com as barreiras entre as disciplinas e ainda, uma abordagem sobre o tema em todos os espaços, pois, por mais que tentemos fugir à sexualidade, sua representação estará presente nos organizando, nos chamando à regra, nos dizendo como agir, então porque não pensar isso de forma aberta com os jovens? Pensar a educação e suas relações com sexualidade e as implicações destas na vida dos jovens e adolescentes de escolas, onde o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) ciências biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais, campus Ubá, atuam é o que nos movimentou a escrita deste trabalho.

Para Altmann (2010) “a questão da sexualidade adolescente tem sido equacionada como um problema social e isso influencia o modo dessa questão ser trabalhada na escola”. Já a discussão sobre gênero tem início com as lutas contemporâneas dos movimentos sociais de mulheres, feministas, para referir-se à organização social da relação entre os sexos, negando-se o determinismo biológico no uso de expressões como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo surge como papel político de questionar e debater sobre a ausência das mulheres na história, o silenciamento sobre sua participação como sujeito e, conseqüentemente, como participantes nas pesquisas científicas até então predominantes (LOURO, 1999). Nesse sentido, ao analisarmos que a construção de gênero é um processo social e histórico, supomos que ela se transforma constantemente e, assim, a prática dos/as professores/as, nas instituições, tende a ser vista como uma possibilidade de intervenção. No “jogo de forças” do currículo, ao tomarmos os espaços como lugares de resistência e de exercício do poder, percebemos- nos como produtos e produtores da nossa formação. Gênero relaciona-se com o que é ser homem ou ser mulher.

Tanto as masculinidades, as feminilidades, como as homossexualidades e as demais orientações sexuais se constituem umas em relação às outras. Assim, estamos, a todo o momento, transitando em nossas múltiplas identidades de acordo com os contextos e, ao vivenciarmos nossas experiências, as diferenças vão se manifestando. Podemos analisar que a diferença é marcada em relação à identidade. Já a identidade se constrói em relação a outras

⁴ Esse documento apresenta referências nacionais para o sistema educacional e ressalta a importância de se construir ações específicas para cada localidade, de modo a possibilitar aos jovens o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

identidades, ao outro. Sou isto, porque não sou aquilo e, desse modo, não nos permitimos sermos muitas coisas (SILVA, 2011). Dessa forma, a sexualidade age sobre o gerenciamento dos corpos: organiza-nos socialmente e nos disciplina individualmente, regulando, inclusive, os nossos comportamentos sexuais.

A educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma Educação Sexual que visa, ao mesmo tempo, o respeito à livre orientação sexual em conformidade com relações igualitárias de gênero, classe, raça/etnia, a construção de um ambiente pedagógico onde os conhecimentos acerca deste tema possam ser difundidos com domínio e propriedade. Ao educar meninos e meninas, a escola educa também o aluno, o negro, o baixo, o gago, o magro, pois não somos um a cada momento, somos isto e aquilo e, ao mesmo tempo, o outro.

O objetivo do trabalho foi levantar o debate sem tabus com os estudantes do ensino fundamental, desestruturar resistências contra o desenvolvimento do tema, esclarecer dúvidas e realizar práticas envolvendo a temática: Gênero e Sexualidade. Demonstrar situações que mostram atitudes perigosas quando agimos por impulso e sem pensar na saúde ao praticarmos nossa sexualidade sem cuidado e deixar os adolescentes livres, apresentando suas dúvidas para discussão é o propusemos no projeto.

MATERIAL E MÉTODO

O trabalho se iniciou com o estudo sobre a discussão de educação sexual e de gênero desenvolvida nas instituições de Ubá e a implementação de uma proposta de educação para a sexualidade, que rompesse com o modelo binário e higienista desenvolvido na maioria das instituições. A partir desse estudo, desenvolvemos um projeto de educação para a sexualidade nestas instituições, junto a professores/as e coordenadores/as escolares.

Realizamos o trabalho, com cerca de 40 estudantes do 9º ano da Escola Estadual Deputado Carlos Peixoto Filho, de Ubá. As oficinas foram ministradas apresentando referencial teórico sobre os temas: gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, sexualidade e gênero. Desenvolvemos na primeira etapa: debates sobre sistema reprodutor masculino e feminino; dinâmicas para simular os principais meios de transmissão de DST; oficinas e práticas sobre métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Foram desenvolvidas tais atividades, para diversificar os saberes dos alunos, que por sua vez, se mostraram muito interessados, pelo menos grande parte. A segunda etapa iniciou-se com uma palestra abordando assuntos relacionados a gênero, seguida de oficinas discutindo assuntos como a questão do gênero na infância; estereótipos; formas de

relacionamento; problematização das profissões e diversidade. Finalizamos o projeto com a apresentação de uma peça de teatro desenvolvida pelos próprios alunos, abordando todos os assuntos trabalhados.

Propomo-nos a pensar os conceitos de gênero e sexualidade como produtos de uma construção ao mesmo tempo em que produzem “coisas” e pessoas. E, nesse diálogo, compreendemos os sujeitos também como resultado de construções discursivas que os tornam detentores de identidades plurais, múltiplas, incompletas e até mesmo contraditórias, que podem ser acionadas, omitidas, vivenciadas, transformadas, que não são fixas e acabadas (HALL, 1999). Os discursos, as práticas e as instituições, dentre outros, “fabricam” os sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foucault (1988) analisa como o corpo é o primeiro lugar de disciplinarização e esta ocorre quase que naturalmente, sendo transferida de pais para filhos e, ainda, encontra-se a todo tempo em disputa no jogo de forças das relações sociais. No espaço escolar essas formas de saber/poder se expressam nos modos de agir dos educandos. O comportamento adequado a este estabelecimento é aprendido e desenvolvido, embora com resistências.

Um destaque em nossa roda de conversa foi a fala sobre o corpo na escola. Não costumamos falar a respeito dele e o que ele transmite naquele espaço:

se está sendo visto, olhado, admirado, enfrentado, então, nós ainda temos muita vergonha de falar sobre o corpo, sobre a sexualidade, mas devemos observar que isso está aflorando toda hora em nós, e é muito importante saber sobre, temos muitas dúvidas (Aline, escola 2).

Isso nos leva a pensar que a liberdade de fala do estudante já demonstra que atingimos um dos objetivos do nosso trabalho. Ela nos permite adentrar à discussão do corpo na escola. Podemos não perceber, mas o corpo é tratado a todo tempo no espaço escolar, nosso lugar na escola é demarcado por gênero. De acordo com Louro (1997), a escola, como instituição privilegiada socialmente, passa a ter olhares mais atentos para todos os sujeitos da educação. “Isso representa não apenas olhar para as crianças e jovens e pensar sobre as formas de discipliná-los, mas também observar – e disciplinar – aqueles que deveriam ‘fazer’ a formação, ou seja, os professores” (LOURO, 2007, p.91).

As atividades foram muito bem acolhidas pelos estudantes que investiram criatividade e pesquisa para participarem, além de descobrirem curiosidades sobre seus corpos como cita Carla da Escola 2:

Foi muito legal participar das oficinas e palestras, cada dia descobrimos coisas novas e com o tempo eu não tinha mais vergonha de fazer perguntas, nem de pesquisar na frente dos colegas no computador sobre as minhas dúvidas e depois discutimos sobre tudo isso em grupo, eu descobri muitas coisas, teve também o dia em que a Professora da Universidade veio falar com a gente e eu passei a pensar diferente sobre gays, porque somos todos diferentes, ninguém é igual a ninguém (Carla, estudante da escola 2).

A partir das oficinas realizadas, surgiu a demanda das escolas por oferecê-las a mais turmas das escolas participantes e foi o que fizemos por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), campus Ubá. Se não discutirmos o tema em nossas escolas, reproduziremos o conceito naturalizado sobre gênero e sexualidade, correndo o risco de estarmos excluindo e estigmatizando nossos estudantes. Aqui destaca-se nossa responsabilidade, enquanto formadores, de discutirmos a produção cultural na sociedade, que vai além das disciplinas, está relacionada à educação e empoderamento de nossos alunos. Houve melhoria nas relações entre os estudantes com maior respeito aos colegas assumidos homossexuais e maior liberdade para se conversar sobre o tema. São resultados recentes, mas importantes para impulsionarem o desenvolvimento e continuidade do nosso projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, que os estudantes reconhecem a importância da discussão de gênero e sexualidade e como o tema vem constituindo a própria escola. Mas, eles também dizem que estas são questões pessoais e que é difícil este debate nas escolas, mas, a partir de experiências como estas quem sabe, que a temática entre em seu cotidiano.

De um lado, a fala dos estudantes e as análises desenvolvidas nos revelam a importância da discussão e a necessidade da instituição tratar dessas temáticas. Por outro lado, aponta-nos todas as dificuldades das escolas e a dificuldade de trabalhar o tema.

O que sugerimos é a reflexão sobre as brechas que encontramos para que possamos questionar os espaços escolares. Procuremos, pois, uma reflexão constante que nos leve a (re) inventar “possibilidades”, “experiências” “acontecimentos”. No desenvolvimento do projeto

houve a sensibilização por parte dos alunos quanto ao tema proposto, onde os adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre um assunto que tanto lhes geram dúvidas e preocupações, além, da compreensão de novas visões e precauções quanto as suas práticas sexuais e de melhoria nas relações entre os estudantes. Diante disso, podemos refletir sobre diferentes formas de se compreender o currículo. Possibilita-nos acreditar num currículo composto por todas as diferenças e também, por experiências e subjetividades diversas que não se isolam da formação do/a professor/a. É importante que as/os profissionais da educação colaborem para uma escolarização que tenha como fundamento a valorização da diversidade, em busca de uma prática que inclua os sujeitos históricos com igualdade de oportunidades, abordando de forma mais abrangente gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.**

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf> > Acesso em: 25 out. 2015.

BRASIL. **Histórico sobre o MEC.** In: <www.portal.mec.gov.br/>. Acesso em outubro de 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP& Editora, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Kelly. **Currículo, gênero e sexualidade na formação de professores.** Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade federal de Juiz de fora. Departamento de Educação. UFJF, mar. 2011.